

EDITORIAL

A presente publicação tem como objetivo tratar de dois temas intimamente interligados, ou seja, a educação e a pós-modernidade. A primeira será tomada aqui, quase que exclusivamente, como crítica à formação escolar oferecida pelas instituições de ensino financiadas pelo Estado. A pós-modernidade será caracterizada, em síntese, como um processo de reação aos movimentos emancipatórios do século XIX e, desta maneira, será tratada como um instrumento de colaboração - juntamente com a educação - das pretensões capitalistas não apenas no ocidente, mas a nível global.

Ao iniciarmos com a educação, seguiremos as constatações oferecidas pelos colaboradores desta publicação, que afirmam tacitamente que a formação escolar está subordinada aos interesses do capital. Constatação facilmente percebida quando observamos os objetivos das instituições de formação das massas que são, em sua maioria, financiadas pelo Estado burguês. Tais objetivos visam, sobretudo, a formação de mão de obra barata, a manutenção do *status quo* dominante e a perpetuação da lógica de poder no interior do sistema capitalista.

Nesta edição da Revista Dialectus, o leitor irá defrontar-se com uma perspectiva crítica sobre a situação do preparo escolar não somente no Brasil, mas também nos países que compõem o sistema capitalista como um todo. Situação essa que, como vimos, tendem a objetivos comuns. Desta forma, várias influências e pontos de vista aqui se unem para desmitificar os senso-comuns que perfazem a mística que a palavra “educação” tomou, principalmente, em nosso país, como, por exemplo, a crença de que a mesma “salvará a nação” ou “melhorar a situação de todos (as) os cidadãos” que aqui residem.

A opinião comum de nossos autores é de que a educação escolar, na forma como foi instrumentalizada pelas políticas de Governo, tende a tornar cada vez mais submissa a população que a ela está submetida. Desta forma, o par “educação” e “necessidade” ou “educação” e “mercado de trabalho” torna-se a principal aposta ou o principal *slogan* para o sucesso da empresa capitalista. Situação essa agravada pela precarização do trabalho nas periferias dos países hegemônicos e pela indispensabilidade do consumo que alimenta a força de trabalho em todos os lugares.

Colabora, de forma teórica com essa situação, a “filosofia da desconstrução” chamada por nossos autores pela alcunha de “pós-modernidade”. Esse tipo de pensamento identifica nos movimentos de emancipação dos indivíduos – como o socialismo de inspiração marxista, por exemplo - formas de metanarrativas provenientes das *luzes* do movimento iluminista. Assim, os pós-modernos confundem a *práxis* que convoca a luta dos trabalhadores para uma situação de justiça social com os ideais abstratos conclamados pelos ditames “universais” burgueses do século XVIII.

Essa confusão entre os ideais abstratos propalados pelos entusiastas das revoluções na França e nos Estados Unidos com o pensamento materialista, dialético e histórico de Marx e Engels é o grande equívoco que é preciso desfazer. A “desconstrução” promovida pela pós-modernidade, que declarou a inexistência das classes sociais no interior da sociedade burguesa, contribuiu sobremaneira com a crença de que somos “todos iguais” na diferença. Essa ideia é a de que se valem os capitalistas para promoverem suas pretensões ideológicas e de mercado espalhadas pelo mundo.

Nessa perspectiva, da inexistência da luta de classes, é que percebemos o imbricamento entre “educação” e pensamento “pós-moderno”. As instituições educacionais no interior da sociedade burguesa promovem a ideia de que todos são iguais e que vivemos em um mundo multicultural desprovido de conflitos e tensões entre os indivíduos. Essa crença, se não é fruto do pensamento promovido pelos autores pós-modernos, têm nesses pensadores os seus entusiastas. Assim, para ambos, o caráter fragmentário – o individualismo – é sempre o “real” e o que nele deve ser considerado.

É o que sugere, por exemplo, o artigo do Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco (UNILAB) que define a pós-modernidade como o um movimento de intelectuais “que relativiza a luta de classes, encantando e seduzindo os indivíduos com o canto das sereias narrados por Homero em sua *Odisséia*”. Desse modo, os autores pós-modernos, segundo Kennedy Franco, “embriagam negativamente os desejos humanos para a reprodução da sociabilidade do Capital, ou seja, do individualismo e da exploração entre os seres humanos, fato este que concretamente pauperiza e potencializa o sofrimento de um sem fim de pessoas nas masmorras da miséria”.

Corroborar com isso o texto do Prof. Dr. José Pereira de Sousa Sobrinho (UFC) Em seu artigo Pereira Sobrinho ratifica a crítica a pós-modernidade apontando que o pós-modernismo representa a “constituição de correntes irracionistas” que tem seu

fundamento em concepções hodiernas, “enquanto mecanismo superestrutural de construção de uma consciência coletiva pautada na exacerbação do individualismo e no consenso entre classes sociais antagônicas, enquanto estratégia necessária do capital para sua contínua reprodução”.

A professora e pesquisadora Wildiana Kátia Monteiro Jovino (UFC) em seu artigo intitulado “Crítica à Desconstrução da Política na Pós-Modernidade” tem como objetivo “debater a ressonância da chamada “condição pós-moderna” nas várias dimensões da vida cotidiana e na atividade política contemporânea”. Trata-se, portanto, para a autora de “denunciar a influência da pós-modernidade nas áreas do saber e da cultura, bem como de sua retórica política, que insiste na deslegitimação, na fragmentação e dissolução do sujeito social”.

Deste modo, na esteira das análises críticas sobre a relação entre “educação” e “pós-modernidade”, o Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech (UFC) afirma que “as novas formas de divisão do trabalho e o processo de trabalho contemporâneo se caracterizam tanto por uma flexibilidade funcional quanto numérica do emprego da força de trabalho”. O que existe de catastrófico nisto, do ponto de vista social e educacional, segundo Rech, “é o crescente descarte e a volatilidade das habilidades, funções e postos de trabalho aos quais os indivíduos estão submetidos”.

Finalizando o Dossiê “Formação Humana e Pós-Modernidade” temos o artigo do Prof. Dr. Antônio Glaudenir Maia Brasil (UVA) que, na contramão dos artigos anteriores, ressalta a importância da pós-modernidade e dos autores pós-modernos - como o filósofo italiano Gianni Vattimo - na denúncia dos mass-médias e na afirmação das sociedades multiculturalmente constituídas nas sociedades atuais. O que demonstra, sobretudo, a capacidade de crítica e de diálogo que a Revista Dialectus promove com diversas outras perspectivas, para além do marxismo, predominante entre os nossos colaboradores.

Seguindo com os artigos que ilustram o último número da Revista Dialectus – na seção “Fluxo Contínuo” – temos o texto do Prof. Dr. Valério Arcary “O que é uma revolução?”. Neste artigo, o professor Valério argumenta que as “revoluções devem ser compreendidas como um fenômeno histórico, ou seja, como uma das formas de transformação das sociedades contemporâneas, que se precipitam quando fracassam as mudanças pela via das negociações” e que “uma revolução é um processo, não somente

uma insurreição”. Assim, o docente afirma a importância do caráter de maturidade social que uma revolução deve ter se quiser ser bem sucedida.

Na esteira dessas transformações sociais que fomentam e dão possibilidade para que as revoluções possam ocorrer, não podemos desprezar a crítica à política situacional-burguesa que favorece o processo revolucionário. O artigo do Prof. Dr. Eduardo F. Chagas (UFC/CNPq) toca essas questões quando pretende demonstrar que há um duplice aspecto da política no pensamento de Marx. O aspecto positivo, amplo, pertence à sociabilidade entre os seres humanos, enquanto o seu oposto, o aspecto negativo, aliena os indivíduos de sua atividade política e, portanto, os alija do processo de participação no interior da comunidade política.

O artigo do Prof. Dr. Vilson da Mata (UFPR) segue as orientações de um duplice aspecto da política e do Estado no pensamento de Marx. A partir do texto *Glosas Críticas Marginais ao Artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”* o autor paranaense pretende demonstrar que “Marx deixa claro que o Estado capitalista é a expressão de uma sociedade em que a desigualdade e as misérias sociais não podem ser superadas, senão na superação do próprio Estado”. Para o pesquisador, “neste texto de juventude de Marx encontram-se, já, os conceitos marxianos de alienação, emancipação, revolução e comunismo”.

O texto das professoras doutoras Siomara Borba (UERJ) e Rosa Maria Correa das Neves (UFRJ) intitulado “Método da Economia Política – Algumas Indicações para uma Reflexão sobre Pesquisa em Educação” sugere “uma discussão sobre o processo de conhecimento científico, considerando notas metodológicas de parte da produção teórica de Karl Marx, notas que podem indicar contribuições para o desenvolvimento de pesquisas científicas em educação”. Assim, o objetivo deste artigo é mostrar o “método científico correto” sugerido por Marx e, ao mesmo tempo, realizar a crítica ao falso método de investigação da realidade feito por liberais e burgueses.

Na trilha de autores que dialogam com o marxismo quatro textos se destacam em nossa edição. O primeiro deles é o texto do Prof. Dr. Sylvio Gadelha (UFC) de inspiração foucaultiana. Segundo o autor o “artigo centra-se na problemática que enlaça biopolítica, direito e resistência em nosso presente, limitando-se, contudo, a tecer apenas algumas breves e sumárias considerações sobre filosofia política, direitos humanos e lutas minoritárias”. Sendo assim, o professor tece críticas – através de

Foucault e Deleuze - ao pensamento clássico de Norberto Bobbio, para ele, exemplo de desvalorização das micropolíticas e de lutas (resistências) pensadas por esses autores.

O artigo da Profa. Dra. Cristiane Marinho (UECE) pretende abordar a polêmica que se instalou entre marxistas e autores “pós-modernos”, sobre o sentido ou os diversos sentidos dos termos “educação” e “filosofia”. Para isso, a autora enumera quatro objetivos em seu texto. O primeiro, como já informamos, pretende abordar de forma conceitual – (e porque não dizer polissêmica) - os termos “educação” e “filosofia”; o segundo objetivo “tem o pensamento adorniano como eixo central, bem como o conceito de Formação (*Bildung*), Semiformação (*Halbbildung*) na perspectiva da emancipação humana”; Já o terceiro momento de sua escrita “se baseia no pensamento deleuzeano e desconstrói a ideia de emancipação a partir das mudanças conceituais de Educação e Filosofia, e também apresenta seus substitutos nas noções de criatividade e de universo micro; e, por fim, Marinho quer “explicitar os pontos positivos trazidos pela Filosofia da Educação norteadas pela Filosofia da Diferença, encontro nem sempre bem visto por alguns estudiosos da Teoria Crítica”.

No caminho sugerido pela Profa. Dra. Cristiane Marinho, em tratar das questões de interesse adorniano, temos o texto do Prof. Dr. Rosalvo Schutz (UNIOESTE – PR) intitulado “O caráter formativo do não-idêntico: uma reflexão a partir da *Dialética Negativa* de T. Adorno”. Neste artigo, o autor preocupa-se em pensar a educação em processos não idênticos, ou mais propriamente, valorizando as subjetividades presentes no processo educacional. Desta forma, o Prof. Dr. Rosalvo Schutz reivindica, a partir de Adorno, uma educação não massificada e, ao mesmo tempo, emancipada das armadilhas ideológicas do Estado. Nesse sentido, para o autor, “torna-se possível indicar [em especial, para a educação] a importância e a centralidade da valorização de aspectos não idênticos ao sistema enquanto constitutivos num processo de formação crítica e solidária”.

Finalmente e no mesmo diapasão – de denúncia crítica e de sugestão para melhorias no campo da educação – apresentamos o artigo da Profa. Dra. Bernadete Beserra (UFC) intitulado “Entre o populismo docente e o dom da fala discente: problemas do ensino básico que sobrevivem à formação superior em pedagogia”. Neste artigo, a luz da teoria do “capital cultural” de Pierre Bourdieu, a professora e suas coautoras questionam: quais “garantias existem, para que o capital científico-cultural

que se espera de uma formação superior, seja efetivamente transmitido na universidade?”. O artigo, portanto, pretende mostrar “os limites do ensino superior público brasileiro em relação ao cumprimento de tal promessa a partir de um fenômeno que Pierre Bourdieu denominou “populismo docente””. Sugestionando, com isso, a melhoria da formação superior no Brasil, em especial, em nível de compreensão da leitura de textos científico-acadêmicos por parte dos alunos e da capacidade do discente de atuar através e com esses textos em sua prática escolar (docente). Com isso, para as autoras, poderíamos falar em uma educação emancipada que pensa e não apenas reproduz o discurso “popular” docente que mais inebria do que “liberta” os alunos de suas amarras sociais.

Desejamos a todos uma ótima leitura e valiosas reflexões.

Eduardo F. Chagas

Editor

Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho

Organizador